A HORA SOCIAL

ORGAM DO POVO E PARA O POVO

A HORA SOCIAL

Após uma pequena suspensão determinada mesmo pelos solennes factos que se verificaram no meio proletario recifense, volta, hoje, A HORA SOCIAL a retomar o logar que lhe compete no periodismo revolucionario do Brasil. Animam-na novas energias creadoras e fecundas e revigoram-na os mesmos principios que são, como sempre foram, o nosso apanagio. Desapparecendo o porta-voz de uma entidade corporativa, surge o orgão do Ideal, o pregoeiro indomavel dos principios do Communismo-Anarchico. Apparentemente, não houve quasi solução alguma de continuidade; mas, de facto, operou-se uma grande transformação. Explicam-na as occorrencias determinadas pelo unificação das classes proletarias, sem que nisto se possa notar quebra de principios. Não nos movem inconfessaveis propositos de sisanias, que seriam o maior crime contra nós proprios, no momento. O orgão syndicalista transforma-se simplesmente no orgão de defeza e propaganda das doutrinas anarchistas. Ha aqui, dest'arte, logar para amplas discussões serenas daquelles assumptos a que nos tenhamos de referir.

E, si bem que não seja A HORA SOCIAL orgão official da U. G. T.—mantido embora pelas Uniões dos Estivadores, Conductores de Vehiculos, Resistencia dos Trabalhadores em Armazens e Carregadores de Pernambuco Lancheiros, Syndicato dos Marceneiros e Artes Correlativas, em razão mesmo de uma das resoluções da nova entidade geral proletariana—A HORA SOCIAL não se negará jamais a prestar o seu inteiro apoio decidido aos trabalhadores de Pernambuco, sempre que luctarem no sentido da abolição da torpeza que é a exploração do homem pelo homem—principio anarchista que é uma das finalidades do syndicalismo revolucionario.

Mais fortes, agora, certamente, porque sem nenhumas ligagações officiaes com os organismos syndicalistas, A HORA SOCIAL se constituirá no aguilhão dos tyrannos caricatos, no ferro em brasa dos governos mentirosos, que são todos os governos, e no remorso constante dos ladrões do capitalismo voraz. Onde quer que o erro esteja acantonado, ahi estaremos para combatel-o, mesmo que acceitemos a doutrina da violencia para rebater uma violencia.

E, com a tarefa que nos impomos de propagar as inconfundiveis doutrinas bebidas nas paginas claras dos Kropotkine, dos Reclús e dos Malatesta, não desdenharemos do nosso grande dever actual, no estado presente do nosso promissor movimento syndicalista, permanecendo sempre na estacada, a apontar os vendilhões e os agentes mal desfarçados dos roubadores das nossas energias, que os ha, infelizmente, por abi, pelos syndicatos, cercados da aureola de revolucionarios communistas.

Fazia-se, pois, mistér uma tribuna de homens inteiramente livres em Pernambuco. E' ella «A Hora Social», que resurge hoje amparada nas sympathias incontestaveis de um publico que está habituado a aguardal-a como sustentada no forte amparo de seis das nossas associações syndicalistas que não a quizeram deixar desapparecer.

Já agora não durmirão tranquillos os cogumellos do capitalismo, os lacaios dos governos e os trahidores dos proletarios.

Assim seja.

Os "tapias" reaes

A estas horas, installado luxuosamente no bojo de um dos monstros de aço que a Inglaterrra nos impôz, certa vez, lhe comprassemos a pezo de louras esterlinas tilintantes, o rei Alberto e a rainha Elisabeth se approximam dos nossos mares.

O capricho do sr. Epitacio Pessoa, o antigo matutinho ingenuo de Umbuzeiro, que se viu um dia juiz togado, embaixador a um congresso internacional e, afinal, presidente de uma republica — é preciso notar que as republicas como os povos, são dirigidas pelos homens que merecem — determinou esta pomposa visita com a qual vae o paiz gastar para mais de 50 mil contos de reis.

Estes vagabundos parasitas coroados que veem até nós, elle, o Alberto, cercado de uma aureola de heroicidade, por ter ficado, á coberto, detraz das ultimas linhas da rectaguarda, assistindo ao massacre dos homens que atirára ás lamas das trinceiras, coagido pela faca de ponta que a Inglaterra lhe punha ao peito e as ameaças truanescas que a França proferia, tremendo, amedontrada; e ella, d. Elisabeth, encerrando na profundeza impenetravel dos seus olhos azues os desesperos e as dores de milhares de desgraçadas mães e esposas que o seu marido sacrificou, — ambos fojem ao horror lancinante que os tortura como reprobosroidos de remorsos em noites ermas e escuras.

E vamos receber tal gente a champanha e a festas, gastando nababescamente cincoenta mil contos, quando o paiz vae fazer mais uma emissão de papel moeda para evitar a fallencia inevitavel.

Mas, tudo é mathematicamente demonstravel.

Muita gente conjectura que o Epitacio—o dr. Epitacio, como o chamam na imprensa os seus actuaes sobrinhos—esté doido, positivamente doido verrido. E erram. Erram porque da cachola vasia de um individuo sem cachola não póde sahir nunca a luminosa idea de promover a vinda de reis em visita ao paiz, para—não sei se me entendem—o Congresso ter opportunidade de votar creditos illimitados. O Epitacio está um Epitacio Pessoa sãozinho da Silva, como o explica, cabal e difinitivamente, a faustosa recepção aos reis belgas.

Desdigo e tresdigo tudo quanto comecei a dizer. A viagem do Alberto e de d. Elisabeth ao Brasil não é capricho, não é nada.

Elles veem, unicamente, unicamente senhores, *pour epater*, — para cohonestar o illimitado que o Congresso votou.

Os reis da Belgica não teem culpa.

O illimitado tinha de ser.

Pois foi com elles, que veem representar no Brasil o papel de «tapias» dos contos do vigario bem passados...

Qual! O Epitacio está sahindo melhor do que as encommendas...

E', decididamente, como algumas pessoas julgam ter sido aquelle genial Bolo-Pacha, um grande homem, o Epitacio!

A. Correia.

União Geral dos Trabalhadores

Realisou-se na quarta-feira ultima uma concorrida reunião de delegados de todas as associações desta cidade ao Concelho da U. G. T. recentemente organisada em virtude da fusão das duas federações estaduaes então existentes. Varios assumptos foram demoradamente discutidos, adoptando-se importantes resoluções.

Para a proxima quarta-feira, nova reunião ás 18 horas em a rua da Praia, n. 125, 1. andar, sede da União de Resistencia.

A VANGUARDA

Orgão official da União Geral dos Trabalhadores

Deverá encetar hoje a sua circulação, no periodismo revolucionario do Brasil, o novo orgão official da U.G.T. de Pernambuco denominado «A Vanguarda».

Dedicado inteiramente ao movimento syndicalista neste Estado, como o seu reflector e propulsor, ao mesmo tempo, «A Vanguarda», ao lado da «A Hora Social» dedicado este ao propugnamento dos nossos principios anarchistas—formarão na columna avançada da nossa imprensa, cada qual assumindo o logar que lhe está destinado. E, assim, emquanto a burguezia atiça a reacção contra nós, nós erguemos dous baluartes de cujos muros, destemerosos, gritar-lhe-emos o dia final do seu reinado de opprobrio.

'A «A Vanguarda», as nossas commovidas saudações e os nossos votos de inquebrantabilidade na lucta gloriosa e bella em que ambos estamos empenhados.

A Frente Polaca

(Traduzído especíalmente para A HORA SOCIAL)

Para começar, quero dizer algumas palavras sobre as causas da guerra.

Pode-se examinal-as sob dois pontos de vistas:

1·—as causas que impelliram a Entante a provocar ou a admittir esta guerra;

2·—as causas que atiraram o governo polaco a esta guerra.

E' evidente que a Polonia não é senão uma arma nas mãos da Entente.

Mas isto não exclue a presença de outros motivos que forçaram este paiz a desempenhar o papel, tão ignobil, de provocador infeliz desta guerra.

Da parte da Entente, a guerra polaca não é senão uma tentativa, um novo episodio na lucta dos imperialistas contra a Russia Sovietista. E si tal tentativa fracassar, os governos do mundo imperialista embalsamarão o cadaver politico de Pulsudski, como embalsamaram o cadaver de Koltchak e recorrerão a outros processos e a outras armas.

Quanto á Polonia, a guerra tem para ella [illegible] caracter de uma guerra bonapartista, si bem que se trate, desta vez, de um bonapartismo de má qualidade, caricaturesco, de um bonapartismo antes literario compartando o romanesco e a basofia, ao mesmo tempo...

Na Palonia, as contradicções sociaes são muito pronunciadas. As tradições da lucta revolucionaria são ali poderosissimas. Tudo isto foi encoberto (para um periodo de curta duração, provavelmente) de uma ideologia nacional vestigio da lua de mel da republica independente polaca.

O partido de Pilsudski «chefe de Estado», participa, por um lado, do governo e vê-se forçado, por outro, a uma vida politica e an destina.

Ao mesmo tempo, o partido burguez e imperialista dos democratas nacionaes encontra-se, por uma parte, no seio do governo e por outra — «acima» delle: quer dizer, nas antecamaras da Entente.

Pilsudski procura manter-se no poder com o apoio dos elementos que formam o meio dos dois partidos acima mencionados: intellectuaes das cidades e os camponezes avançados.

Bonaparte «Pilsudski»

Sabe-se que Napoleão (perdõe-me a comparação) se apoiava tambem nos camponezes, porem este, sob o seu regimen, possuiam já as terras feudaes; Pilsudski concorda, pelo contrario, em que a plenitude do poder resida no feudalismo polaco, e a nobreza feudal encontra-se, por isto, acima delle.

Napoleão fazia a guerra á Europa monarchica excitada pela nobreza feudal; Pilsudski, á ordem dos capitalistas, excitados pela nobreza feudal polaca, lucta contra a Russia revolucionaria.

Napoleão, tendo occupado a Polonia anniquilou ali a servidão; Pilsudski restitue, na Ukrania, todas as terras aos seus antigos proprietarios. Si Napoleão, pois, em seguida ao choque recebido da revolução, desenvolvia ainda, em virtude da rapidez adquirida, o movimento social progressivo, Pilsudski, sob os effeitos das intimações que lhe enviam seus senhores politicos, impõe-se, neste momento, a missão deleteria e sangrenta da contra revolução mundial.

O caracter bonapartista da politica polaca reposta com limpidez; Pilsudski, projectado ao alto pela vaga da pequena burguezia nacionalista e precipitada em seguida no borborinho de contradicções que dividem as classes pobres, o proletariado e a burguezia, procura equilibrar estas contradicções por meio de ficções democraticas, abandonando inteiramente á burguezia a decisão de todas as questões; tambem, vê-se elle na necessidade de consolidar sua politica fraca claudicante e não pode fazel-o por ontra forma senão cerceando os sentimentos «chauvinistas», as ambições dos proprietarios e os máus instinctos dos militares.

Esta politica coincide perfeitamente com a da pequena nobreza polaca, a qual, não tendo tido jamais interesses communs com as massas opprimidas do povo que trabalha, cobria sempre o seu vacuo moral de vaidade, de attudes theatraes e de basofias.

Longa e meritoria paciencia dos Soviets

Nossa diplomacia sovietista tratou sempre com uma reserva particularissima o gallo polaco de crista de ouro; mas este não replicava a todas as razões que se lhe fazia avaliar senão com um cocorico marcial.

Momentos havia em que os representantes da velha escola diplomatica e mesmo certos revolucionarios pensavam que o commissariado do povo para os negocios extrangeiros manifestava uma paciencia perigosa e inutil, respondendo a esta grosseira provocação em notas calmas e reiteradas, que procuravam pôr claro o ponto de vista do governo sovietista.

Si nossa diplomacia não logrou conjurar a offensiva da Polonia, pôde, pelo menos, focalisar a clamorosa contradição que separa a politica dos parasitas polacos da do Poder dos operarios e dos camponezes da Russia.

A diplomacia sovietista póde dahi reivindicar o grande merito. Após o reconhecimento, sem reservas, pelo nosso governo da independencia da Republica polaca; após os nossos reiterados protestos de paz; após a ordem formal ao nosso exercito occidental de não transpor as fronteiras que abertamente e altamente precisámos, os demagogos e os charlatães da imprensa amarella internacional fazem crêr ás massas que trabalham que a offensiva dos guardas brancos polacos contra a Polonia realisa-se com o fim de libertar a Ukrania pacifica do jugo da oppressão bolchevista.

Nenhum outro fim: A revolução proletaria na Polonia

Será nada mais nada menos do que um erro irreparavel não dar se á ameaça polaca a importancia que tem.

Póde-se estar seguro de que a guerra da burguezia polaca contra os operarios e os camponezes russos e ukranianos não terá outro fim que o de uma revolução proletaria na Polonia: porem é preciso não esperar, ao mesmo tempo, que esta revolução possa irromper no inicio mesmo da guerra.

Durante um seculo e meio, o regimen tzarista opprimiu com uma violencia sem igual o povo polaco; tambem a pequena burguezia deste paiz e mesmo os elementos da rectaguarda de sua classe operaria nutriam um odio irreconciliavel á Russia e aos Russos que confundiam no seu espirito com os tzars e sua politica.

Ora, este odio é, precisamente, a politica capital da qual o sr. Pilsudski deseja tirar agora um partido sanguinolento.

Devemos fazer comprehender não somente ao proletariado avançado da Polonia, mas tambem aos camponezes retrogrados deste paiz que a invasão, tão grosseira e brutal, da Ukrania pelas tropas polacas não poderá mudar de maneira alguma nossa attitude quanto á independencia da Polonia.

De outro lado, porem, esta independencia não deve revestir o caracter de uma ameaça ao nosso Estado pacifico; ella deve, pelo contrario, completar-se em relações amigaveis baseadas sobre uma estreita collaboração e sobre uma troca de bens economicos.

Atacando-nos, o governo polaco declarou que não póde tolerar a existencia da Ukrania e da Russia sovietistas ao lado da Polonia burgueza.

E' preciso, pois, explicar ás massas que trabalham que a existencia tranquilla da Polonia e da Russia não poderia ser assegurada senão pela destruição da burguezia polaca, cupida e louca.

Não esquecemos que toda a imprensa e os outros meios de opinião publica polaca se encontram nas mãos da liga chauvinista que governa este paiz. O governo de Varsovia procura mesmo representar a invasão da Ukrania como um acto da emancipação do povo ukraniano do jugo moscovita. As primeiras victorias, bastante faceis, do exercito polaco podem manter, durante algum tempo, esta lenda official. A pressão da Entente e de seu poder militar e economico sobre as massas polacas é ainda muito grande. Temem muito que um rompimento com a Entente lhes não faça perder a independencia. E estes sentimentos persistirão até que o povo polaco, illudido por seus governantes, não se encontre em face de um outro poder militar—o da Russia Sovietista e da Ukrania.

O Waterloo de Pilsudski

Devemos inflingir ás forças armadas da Polonia branca uma derrota irreparavel, para tornar inevitavel, politica e psychologicamente, o destroçamento revolucionario da burguezia polaca.

Este segundo papel deverá incumbir inteiramente ao proletariado polaco. Nós lhe não teremos senão a facilitar, encurtando, tanto quanto possivel, ao Napoleão polaco a marcha para o seu Waterloo.

Seria erro esperar que a victoria na frente occidental seja cousa facil. Durante um periodo bastante longo, esta frente se encontrou relegada para um plano secundario; mesmo nos dias em que sua importancia começou a avultar, nossas melhores forças e todos os nossos meios de combate continuavam a affluir para outras frentes. E' verdade que o camarada Gittis, nomeado commandante da frente de Oeste, ahi completou uma grande obra de organisação, mas, apezar disto, esta frente foi sensivelmente enfraquecida, militar e moralmente, devido á sua attitude de expectação e á promessa do Governo Sovietista de não transpor a linha de demarcação estabelecida.

Primeiros revezes previstos

Nestas condições, os successos militares realisados pelo commando polaco não devem espantar a ninguem: o inimigo, ao coberto das conversações entaboladas por elle para as negociações da paz, tinha concentrado forças consideravelissimas e atacou a mais fraca linha da frente acima mencionada—o territorio ukraniano da margem direita do Dnieper.

Os primeiros sucessos de Pilsudski não devem inspirar-nos temor. São naturaes. Nós os tinhamos previstos.

Decorrem do desenvolvimento procedente de nossas relações com a Polonia.

Mas á medida que a ala direita das tropas polacas penetrar profundamente na Ukrania, chocando-se cada vez mais violentamente com os revolucionarios ukranianos, o exercito polaco se desaggregará presto cada vez mais, batido pelo golpe de massa das forças vermelhas concentradas nesta parte da frente.

A necessidade capital a que devemos attender é a de preparar cuidadosamente este golpe. Mas, na solução deste problema o commando miltar não será senão um mecanismo intermediario: não poderá concentrar devidamente e utilmente as forças que tenha recebido do paiz. E' necessario que a lucta contra a Polonia deixe de assumir um papel militar essencial como até agora, tornando-se a obra principal e fundamental de toda a Russia operaria e camponeza.

Trotzkí.

A voz dos Homens do mar

Com todas as recommendações, com toda a energia do capitão Villar, os pescadores continuam miseravelmente explorados

Recebemos ha alguns dias de Olinda a carta seguinte:

«Carissimos camaradas.—Nós, pescadores, tambem somos trabalhadores, e por isto nos julgamos com direito de clamar pelo vosso periodico por justiça, que jamais se fez ou se fará pela nossa classe e assim, protestamos contra o abuso que o capitalismo, mancommunado com o governo municipal de Olinda vem praticando tão indignamente. Eis os factos que deploravelmente se veem passando nesta cidade:

Ha neste municipio uma lei que não consente cobrir-se com palha as casas que á beira-mar estão habitadas e collectadas. Quando algum pescador, com a parca economia que representa quasi o sacrificio da fome e da sua semi-nudez, consegue comprar a telha para satisfazer a exigencia da lei e vae á prefeitura pagar a competente licença para este fim, o sr. prefeito responde que a não póde dar... porque a proprietaria, numa ambição louca, não consente no melhoramento das referidas casas, para que assim se obrigue o misero chefe de familia, e dono do mocambo, que antes pagava (2$000) dous mil réis mensalmente, do chão occupado e hoje paga 5$000 réis, ficar ao desabrigo e ter que vender a casa pela avaliação que a mesma proprietaria fizer, casa esta que lhe custou muito trabalho, dinheiro e paciencia para levantal-a.

Isto é ainda mais revoltante, quando sabemos que o sr. capitão Frederico Villar officiou á tal proprietaria dos Boutrins, pedindo a apresentação do titulo de aforamento do referido terreno de marinha e ella não o exhibiu.

Por isso o sr. commandante foi mais alem—recommendando-nos que não pagassemos o arrendamento, emquanto não tivessemos a certeza da legalidade da acquisição desse terreno! Mas, a exemplo do que tem se passado na Ilha do Nogueira, onde os nossos companheiros são barbaramente espancados e presos pela policia, passando por outros mil vexames, não ousamos deixar de pagar a quantia extorquida da nossa labuta diaria, e, como tudo isto ainda é pouco para a ambição illimitada e nunca satisfeita da Senhora do *Engenho Olinda*, e do seu muito accommodaticio Feitor, bradamos bem alto, junto a vós outros egualmente expoliados, que seja breve o dia das nossas reivindicações.

Olinda, 16 de Agosto de 1920.—*Um por todos.*»

... E, para ser breve o dia das nossas reivindicações, é preciso não crêr mais nos governos, que vivem de mentir, e acabar com todas as explorações e os roubos de que somos victimas.

Como? Organisando-nos para resistir a toda sorte de miseria, abandonando as velhas normas do societarismo beneficente, para luctar pela Justiça e pela Emancipação integral do Homem.

A ACÇÃO SYNDICALISTA

Frente unica proletaria

Do entendimento entre as organisações syndicalistas resultou a U. G. T.

Está realisada a aspiração commum do momento historico que atravessamos, com o pleno exito obtido nas negociações para o estabelecimento de uma frente unica proletaria em Pernambuco. Do entendimento harmonioso entre as nossas organisações syndicalistas resultou a União Geral dos Trabalhadores. Nenhuma noticia tão grata poderá ser transmittida ao Brasil proletario, como esta da unificação de forças de um exercito que se bipartisse. Fica-se com maior segurança no valor que vem, então, elle, representar, ao lado, ainda mais, do grande consolo moral que encerra facto de tão alta valia.

Passou a occasião das luctas intestinas, que, já agora o sabemos, por experiencia propria, tanto mal acarretam. Não é opportuno indagar-se si os excessos commettidos foram maiores desta ou daquella parte. Amainou a tempestade, e é só, agora, tempo para recuperar-se o que ficou malbaratado em esforços dissolventes.

A U. G. T. surge numa epoca de serias apprehensões em que o reaccionarismo cego dos parvólas e dos potentados procura estrangular o grito, que ecôa por todos os angulos da terra das massas opprimidas e ludibriadas:

— Abaixo os ladrões.

E' preciso cuidar a serio, já e já, de levantar o moral das nossas tropas, que a batalha se annuncia e è necessario feril-a.

Fazemos votos por que a U. G. T. não descambe para o esterilismo dos pequenos factos, cuidando de guiar o proletariado syndicalista para a lucta empolgante dentro das fabricas e das officinas, com as nossas armas formidaveis—as machinas e todos os instrumentos de trabalho — porque, somente assim, após a sabia lição proveitosissima da Russia, é que caminharemos para o Futuro, isto é, para a entresonhada sociedade anarchista, onde não haverá um homem que, fazendo outro obrar por sua conta e ao seu mando, viva das energias e dos esforços alheios.

Nem dous pezos nem duas medidas: é preciso fazer a Revolução para que nos salvemos da miseria moral e organica a que nos arrastou a sociedade capitalista.

Voltam-se, assim, para a U. G. T. as vistas dos revolucionarios do Brasil.

Que ella saiba cumprir o seu dever, é o que cada um de nós anceia do fundo da alma.

União dos Estivadores

Effectuou-se na quarta-feira passada, na sede da União dos Estivadores, uma concorrida reunião dos camaradas da estiva, a qual foi presidida pelo companheiro José Maciel.

A vultuosa assemblea depois das elucidações prestadas, approvou unanimente a resolução de assumir a responsabilidade da publicação da «A Hora Social» e do zelo das suas officinas, de commun accordo com outras cinco associações.

Os camaradas estivadores veem comprehendendo, de ha muito, a necessidade inilludivel de se colligarem ás varias associações portuarias e de transportes terrestres, taes sejam União dos Lancheiros, União dos Carvoeiros, União de Resistencia, União dos Conductores de Vehiculos, e possivelmente, União Ferroviaria e União Cosmopolita, a fim de ficar constituida uma nova organisação dos trabalhadores em transportes, maritimos e terrestres, para o estudo mais acurado dos problemas economicos que a todos ligam indissoluvelmente.

Não ha duvida que os interesses sociaes e economicos dos estivadores estão profundamente ligados aos dos conductores de vehiculos, carvoeiros, ferroviarios, lancheiros, trabalhadores em armazens e carregadores, como os de qualquer destes, na mesma relação directa, estão para os dos estivadores. Será pois, melhor comprehendido, nem de mais proveitoso alcance, quer para aquellas associações, quer para a marcha geral do movimento syndicalista em Pernambuco, dirigido pela U. G. T., do que a constituição e solidificaçao de uma entidade proletaria que aggrupe todas aquellas classes, dependentes umas das outras, como são.

Por isto, noticiamos esta tendencia de unificação dos trabalhadores em transportes maritimos e terrestres por isto que apoiamos todo e qualquer movimento tendente á união das massas que trabalham, primeiro, como agora, unindo-se ellas economicamente e depois fundindo-se para o mesmo fim commum da abolição da exploração do homem pelo homem.

Tal é o pensamento que domina actualmente, as varias classes de transportes desta cidade.

União dos Carvoeiros

As frequentes reuniões que os camaradas carvoeiros veem realisando demonstram que o espirito da victoria volta a animal-os poderosamente, guiando-os á sua associação de classe porque somente ella, e só por meio della, poderão retomar todas as melhorias antigas. Faz-se preciso que os carvoeiros estudem bem e reflictam melhor que, até hoje, nenhum patrão, nenhuma firma carvoeira deste porte, lhes deu, por offerta, augmentos do salarios ou diminuição de horas de trabalho e outras regalias a que teem direito. Somente a associação, a união de todos os trabalhadores em carvão, tem podido conquistar, á força da solidariedade, os beneficios de que a classe tem gosado. E' um erro, que prejudica somente o trabalhador, pensar se que o patrão é sempre um explorador; quer que o trabalhador seja a mesma machina sempre, da qual elle obtem o maior rendimento com o menor dispendio possivel de combustivel. O homem não é uma machina. Raciocina, examina e tem aspirações a satisfazer. Quando um trabalhador raciocina e observa que querem fazer de si uma machina, fica revoltado, vê que o exploram, observa que aquelles para os quaes trabalha—patrões — vivem sempre melhor do que elle, que accumula o capital, que produz o capital.

E, então, tem diante de si a prova flagrante do roubo de que é victima: produz, com o seu trabalho, o capital, e o capital que elle, elle só, produz, vae parar ás mãos de um outro homem — patrão ou capitalista — que não trabalha, que não faz cousa alguma.

Estes raciocinios, muito simples e muitos claros, ahi ficam para os carvovoros meditarem, e, se julgarem que teem razão e querem justiça, se unirem cada vez mais, fortificando a União dos Carvoeiros, que é a sua unica protectora.

União de Resistencia

Os companheiros da União de Resistencia, que formam na vanguarda da liga pró «A Hora Social», se veem tambem reunindo amiudadamente e estudando todas as questões que dizem respeito á sua pujante organisaçao de classe.

Duas reuniões bastante concorridas realisaram-se já durante esta semana. Para amanhã, domingo, está convocada uma importante reunião, para as 3 horas da tarde, não devendo faltar nenhum companheiro que tem verdadeiramente amor á conquista de todas as regalias para a collectividade.

União dos Lancheiros

Novamente volta a União dos Lancheiros a fazer parte da ala avançada do exercito syndicalista de Pernambuco, estando cada combatente com o moral perfeito e elevado.

Os camaradas lancheiros estão em via de sua classe. E' uma necessidade, hoje, para os trabalhadores uma associação na qual elles, só, estudem as questões economicas, as condições vitaes, que lhes interessam. A classe obreira que não possue uma organisação de resistencia, na qual não predomine senão a solidariedade, agindo um por todos e todos por um, esta classe não é composta senão de homens que não raciocinam, que não veem que o seu bem estar, a sua melhoria depende unicamente delles proprio.

Os lancheiros despertam, porque comprehendem que, se não velarem por si, ninguem os campará.

E a «A Hora Social», que conta nos camaradas lancheiros um dos seus sustentaculos, saúda-os calorosamente, enternecida, avocando-os á lucta, bella e gloriosa pela Emancipação, pela sociedade sem amos e sem explorados.

União dos Conductores de Vehiculos

Na terça-feira ultima reuniram-se em a sua séde os camaradas conductores de vehiculos afim de combinarem a resolução de varios assumptos de grande interesse para a numerosa classe.

O grupo de companheiros que conseguiu levantar os conductores de vehiculos, associados a todos, acha-se muitissimo bem disposto para completar a obra de organisação geral.

Na reunião de terça-feira ficou deliberado entregar-se ao camarada Bruno Duarte, thesoureiro da liga pró —*A Hora Social*, da quota para a impressão do actual numero desta folha. A' sessão, que decorreu animadissima, assistiram mais de oitenta companheiros, notando-se o franco interesse, pelos mesmos demonstrado, nos progressos da União que os aggremia.

Falaram, sendo applaudidos, os companheiros Valentim e Fagundes.

Aos valorosos companheiros conductores de vehiculos as nossas melhores saudações.

—

Amanhã, ás 12 horas, está convocada a classe a se reunir, pedindo-se o comparecimento de todos os companheiros.

Syndicato dos Marceneiros

Tambem os camaradas marceneiros se vem reunindo com muito enthusiosmo em a séde da sua associação, á rua do Lima.

Varios importantes assumptos teem sido postos em fóco e discutidos com muito amor.

Vão bem, muito bem, os companheiros marceneiros, na sua marcha organisativa.

EM ÁLAGOAS

Proletariado e Politica

Sirvo-me do mesmo titulo do meu antagonista. E outro titulo melor para sustentar minha opinião, que é o sentir da maioria do proletariado, não enconfrarfa.

"Proletariado e Politica", que duas paloxras antagonicas servindo para sustentar uma these incoherente!... A polftica usa a formula pasa resolver a questão operaria, na opinião do dr. Rodrigue de Mello.

Vejam s o que diz o amigo desinteressado» do proletariado.

Do "Jornal do Commercio" de 15 do corrente.

Que tem feito o governo em favor do proletariado neste momento desesperador? Nrda! Po que? Porque 's, excia. como todos os seus antecessores e como os que hão de vir, representa um partido e o ideal dos partidos no Brasil é, apenss isto: —"estar de cima".

Depois de pintar em traços geraes a situação do povo trabalhador propõe o dr. Rodrigues.

Diante deste quadro triste e doloroso, resalta a necessidade urgente de um partido que, tendo por idcal unico melhorar a sorte do homom, venha modificar o aspecto sombrio da sua vida actual, levantando-o deste abatimento fisico e moral em que vivem as classes trabalhadoras de Alagoas. A creação portanto de um "Partido Socialista" se dispõe, com uma urgencia a todo transe. «Porque congregando todos os operarios, todos trabalhadores, todas as classes o Partiço Socialista será uma força de resistencia politica e social» e ao mesmo tempo, uma garantia inequivoca dos homens do povo." etc

Sonoras e belas palavras, mas tristes realidades das cousas!... Porque (sirvo-me ainda das palavras do meu antagonista) as classes proletarias nada conseguirão da politica burguãza, dos partidos burguezes, dos governos e poderes burguezes.

Qem lé o artigo dr. Rodrigses Mello no "Jornal do Commercio" de 15 do corrente afirmára que houve uma retrogradação no seu espirito ou então algum interesse politico fez aos que divergisse da opinião que vinha sustentando no seio do operariado. No Theatro Deodoro affirmou o dr. Rodrigues que so pela revolução, o proletariado poderia obter a sua emaneipação. Pregou a necessidade na organisação operaria sem a interferencia dos politicos e disse que a Revolução Social era inevitavel porque as classes de cima não viam que era preciso ceder o que o proletariado exigia, citando a respeito conceitos Lloyd George.

Agora, porem, mudou de opinião. Já não é revolucionario e não se preocupa com a organisação operaria. Agora quer defender o operariado no seio de um partido politico, juntamente quando os camaradas das associações operarias se reuniu para osganisar a Federação Operaria. E assim propõe:

"Por isso, sente-se que é preciso vir a luz um partido social com ideal dnfinido, partido que agirá contra essa desgualdade prejudicante...

E mais:

Um parfido popular, um partido socialista satisfará todas as necessidades dessas legiões de obreiros e obrigará ao resto dos homens ao comprimento da lei de «Deus» (?) e da natureza."

Iranico simplesmente ironico! Veremos como a nossa burguezia cederá os seus haveres ao proletariado organisado em partido politico...

De minha parte farei o possivel pare abreviar a morte desse filho dos «socialisfas amarellos». E depois do enterro o proletariado dirá: Orai por elle..

Na epocha que atravessamos, corre-se risco fallar-se ao operario em politica, porque as respousabilidades são grande com umreffanho tão exigente. O pouo é uma creanço que ao principio sn illude, mas quando desperta, renega como o Creador, os seus "amigos" até a quarta geração.

Temos um exempla eloquente; Leonino Correia, adversario politico do dr. Rodrigues de Mello socirlista como elle foi trahidor do operariado e repudiado pelas associações operarias

Cuidado pois...

Maceió, 19|8|920

J. ALENCAR

Nas fabricas de tecido de Pernambuco

Aspectos moraes de uma grande classe roubada pelo capitalismo e perseguida pela covardia policiesca

OS TECELÕES DA TORRE

O mallogrado movimento insurreccional iniciado durante alguns dias, no mez findo, na Fabrica de Tecidos da Torre, veio pôr em fóco as tristissimas condições do proletariado das fabricas de tecidos de Pernambuco. Decerto, o movimento não trouxe outras consequencias, que não a opportunidade para os jánizaros do capitalismo bastardo e rapinante demonstrarem cabalmente aos proletarios attonitos que era uma grande illusão com que se desilludiram, as proclamadas garantias que esperavam obter do impagavel regimen de paz e concordia installado nestas terras onde, outr'ora, viveram Homens. Mas, comquanto os tecelões do presidio horroroso da Torre, nenhum proveito lograssem obter do seu acto, este teve o poder de mostrar que só a solidariedade consciente será a immensa força capaz de conduzil-os á victoria final. E' preciso não ter mais illusões nesta era fecunda de ardentes transformações que subvertem os velhos alicerces da sociedade contemporanea.

Si os tecelões da Torre julgam que os seus exploradores irão melhorar-lhes as precarissimas condições vitaes, estão mais que profundamente enganados. Os capitalistas querem obter do trabalhador, do homem que elle explora, faze do o trabalhar para si, o maior rendimento possivel, gastando, porem, quanto menos puder.

O trabalho, que é feito pelo explorado, não lhe poderá jamais aproveitar.

Com o salario minimo ha um roubo indecoroso, com o salario maximo continua havendo roubo: ha que luctar, portanto, para não ser roubado, isto é, para abolir por completo o salariato.

Ninguem pode mais ignorar o preceito, que é agora axiomatico, de que os trabalhadores, emquanto não se unirem, não conseguirão jamais obter nenhuma das primeiras melhorias parciaes sonegadas pelos exploradores da sua força, das suas energias.

E' inevitavel um choque entre os tecelões e os seus exploradores, os que lhes roubam os ingentes esforços. Não ha nenhuma duvida a este respeito. E' necessario, no emtanto, que os tecelões se unam pela mais estreita solidariedade, pensando somente em tomar do patronato tudo quanto este lhes rouba, pelo filtro dos salarios, como o igual-o a reparar todas as injustiças commettidas contra a classe. E sobretudo, como agora as nossas barricadas são as fabricas e as nossas armas as machinas com as quaes trabalhamos, é preciso não abandonar as barricadas as nossas armas, mas combater com ellas contra os ladrões, não sahindo para as ruas. São assim os ensaios da grande revolução, da Revolução Social que virá dar por terra com todos os horrores de hoje, acabando com os pobres e os ricos para instaurar entre os homens o principio communista do «de cada um segundo as suas forças e a cada um segundo as suas necessidades».

A lucta é pela posse dos machinismos e das fabricas, de que os capitalistas lançam mão para explorar-nos. E, si abandonamos as machinas e desertamos das fabricas, isto quer dizer que nós proprios nos desarmamos, deixando os exploradores conservar a peior arma que contra nós manejam.

Os tecelões da Torre não poderão supportar mais tempo as consequencias dos salarios minimos, em virtude das condições cada vez mais prementes, da alta criminosa dos generos de primeira necesidade. E' curial que si o trabalhador não se alimenta e desempenha as suas arduas funcções durante mais de oito horas por dia, terá uma divida na sua economia geral,—divida que não prejudicará aquelles aos quaes vende a sua força de trabalho, senão a elle proprio.

Ou os tecelões da Torre exigirão que os proprietarios da fabrica onde trabalham lhes augmentem os salarios de accordo com a alta dos preços de todos os generos, ou, então, apparentando satisfação com os actuaes salarios, irão depauperando o organismo, arruinando-se organicamente, ao passo que os seus exploradores destribuem todos os annos, entre si, cada vez maiores dividendos.

No proximo numero, trataremos dos tecelões de Paulista, o feudo do sr. Lundgren, um dos maiores criminosos produzidos pela actual sociedade capitalista.

ANNO II **NUMERO 89**

Recife, 11 de setembro de 1920

Redação e officinas:

Praça do Carmo 107

Endereço Telegraphico: "HORA'

Toda correspondencia deve ser dirigida ao camarada J. Medeiro Praça do Carmo 107, andar terre

AS NOSSAS LETRAS

A velhinha bilheteira

A' boa velhinha, que é minha mãe

Quasi diariamente, logo ao abrir da porta, pela manhã, sou testemunha de uma scena de miseria e de dôr.

Querem saber? Eu conto. E' uma historia banal, de todos os dias, um facto insipido quiçá irritante para a esthesia burgueza.

Realmente, que motivo de interesse pode existir para um burguez, mesmo sendo artista, na vida obscura de uma pobre velhinha vendedora de bilhetes de loteria? O burguez não tem tempo para amar o proximo. A livre concorrencia prohibe lhe de seguir a Christo, isto é, de praticar a religião do altroismo. O geocentrista, o anthropocentrista chama-se agora burguez, que vale por dizer egoista.

Mas, para nós outros revolucionarios, a historia muito vulgar, nunca porem, banal, da velhinha assume subida importancia e, desperta em nós um vivo e incontido interesse, e nos commove inteiramente.

Essa velhinha que passa diariamente pela minha porta gemendo e chorando ao mesmo tempo que luctando por uma vida semi apagada e teimosa em não querer apagar-se de vez, é a meus olhos a imagem terrivel da Maldição.

E nós que ignoramos qual seja o seu nome chamemol-a Maldição.

De tão velhinha que ella é, a pobre bilheteira, nem força tem mais para gritar os numeros da sorte.

Já em arco e quasi cega, é com indizivel difficuldade que caminha, ou melhor, que segue aos trombolhões qual trapo humano tangido pelo vendaval das negras desgraças da vida.

Outro dia perguntei-lhe, entre affavel e pezaroso:

—Ainda trabalhas velhinha?

Ouvindo uma voz amiga, sentindo um coração bater pela sua desventura, ella respondeu, soluçando:

Não por mim, mas pelos netinhos que ficaram em casa á minha espera, seis creancinhas de quem sou o unico arrimo, eu, ai de mim! que já nem me posso ter em pé!

*

E a velhinha seguiu devagarinho, gritando com voz sumida os seus bilhetes: «Jacaré Pavão, Urso...»

Commovido até ás lagrimas acompanhei com a vista o doloroso espectro da bilheteira. Pensei então em como os homens são maus, em como é defeituosa e barbara a sociedade em que vivemos, deshumana a civilisação «christã» que nos serviu de berço e em cuja atmosphera aprendemos a trahir o Christo e a odiar os homens.

Maldita! muitas vezes maldita! a sociedade que assassina os velhos e as creanças, que os deixa morrer de fome e de fraqueza.

Mas porque os homens não aprendem com os lobos a ser bons? Teria a loba do Latium amamentado os irmãos Romulo e Remo para que no fratricidio fossem edificados os muros da Cidade Eterna, agora vacillantes ao soar das trombetas anarchicas?

*

Já não echôa mais na minha rua a nenia da velhinha bilheteira. Mas no meu coração ficou bem impressa, e para sempre, a sua historia «banal».

Hei de pensar sempre em ti, Maldição!

Recife, anno 3.º dos Soviets.

Christiano Cordeiro.

Os que morrem

Falleceu no sabbado ultimo em casa de sua residencia no Fernandinho, 2. districto de S. José, a sra. d. Maria F. de Lyra na avançada edade de 70 annos.

A extincta, que deixa seis filhos de maior edade, entre os quaes se conta o nosso dedicado camarada Ildefonso Lyra, 1.º secretario da União de Resistencia, era muito benquista entre as pessoas de suas amisades, tendo o seu desapparecimento causado grande pezar.

Ao camarada Lyra, bem como aos demais de toda familia da saudosa senho[illegible] as

Pela volta de José' Romero!

Appello aos trabalhadores do todo Brasil

A deportação de José Romero constitue sem duvida, uma das mais clamorosas injustiças commettidas pelo governo brasileiro, nesse revoltante capitulo das expulsões de trabalhadores. A deportação de José Romero é typica, não só pela flagrante illegalidade do acto e pelo cynico arbitraria de sua execução, como principalmente pelas circumstancias pessoaes da victima. Romero veio para o Brazil em fins de 1891 e no Brazil sempre residiu, durante 28 annos consecutivos, mantendo uma vida exemplar de modesto mas honrado trabalhador. Estas considerações, porém, pouco importam á policia, para quem o arbitrio é a lei suprema. Era Romero um operario com ideaes alevantados e, ainda mais, apostolo ardoroso e convicto desses ideaes, que tanto incommodam a iniquia ordem burgueza? Pois bem—para outra funcção não existe a policia: guardar e defender a sinistra ordem burgueza. Dahi, o acto infame, mas logico: a deportação dos que se não conformam com a ordem actual.

Deixemos ao proprio José Romero a narrativa do acto policial, de que foi elle victima. Em carta escripta a um amigo, conta elle: "no dia 3 de outubro do anno passado (1919) fui detido e levado á Policia Central onde, depois de tres dias de incommunicação, no dia 6, ao meio dia, fui levado ao gabinete do inspector do Corpo de Segurança, onde se achavam os Srs. Julio Rodrigues e o chanceller do consulado hespanhol, o qual immediatamente apresentou-me o livro de inscripção, a cuja margem estava escripta uma nota que dizia, entre outras coisas: que, por decreto do governo do Brazil, era obrigado a retirar-me, do paiz devido a intensa propaganda que fazia, etc., e que me tinha feito passar por subdito portuguez com um supposto nome, fulano de tal das Neves.—Eu declarei então que nunca tinha usado outro nome a não ser o meu proprio e que aquillo era uma infame calumnia, e ao mesmo tempo que não havia razão para a expulsão e, portanto, não assignei.

Depois disso, immediamente, fui conduzido para o carro que me devia transportar até o Caes do Porto, em companhia de José Madeira, Galiano, Perpetuo, Carvalho, e Coelho, e lá chegados fizeram-nos entrar no vapor «Gelria» e encerraram-nos num camarote, do qual só sahimos depois que o navio estava fora da barra. Como não nos entregaram os pas-aportes, depois de muitos dias de viagem fomos pedil-os ao commissario do navio, o qual declarou-nos que tinha ordem terminante de sómente os entregar ás autoridades do porto para onde iamos destinados, e assim foi. Desta forma quando cheguei a Vigo não me deixaram desembarcar, indo parar á prisão preventiva. Depois de dois dias tomaram-me a filiação e depois de quinze dias de estadia nessa prisão fui trasladado para a Carcel Celular de Barcelona, onde me encontro ainda..." (Carta datada de 22 de fevereiro de 192).

Esse o "processo" por que foi deportado Romero. A narração sobria da victima empresta ao seu testemunho um caracter de inconcussa seriedade. Além disso, para quem conhece, como nós, a alta e dignissima probidade de José Romero, não pode restar a menor duvida de que estejam em suas palavras a verdade integra e irrecusavel.

Mas podia José Romero, mesmo legalmente, ser expulso do Brazil? O criterio da residencia, firmado nas proprias leis e nos "accordãos" dos tribunaes, responde peremptoriamente: não! E ainda de mais elevado valor moral, que todas as provas de residencia, pesa, como prova decisiva e definitiva da monstruosa injustiça, a vida mesma da victima, toda feita de trabalho e esforço de honestidade e dedicação.

Noutra carta (de 21 de fevereiro de 1920), dirigida ao mesmo amigo, conta José Romero, com a mesma severa sobriedade, como viveu os seus 28 annos de residencia no Brazil. Ouçamol-o: "...lá pelos fins de 1891 ou começos de 1892 cheguei eu, em companhia de minha familia, à Ilha das Flores, que está situada dentro da bahia do Rio de Janeiro, para cujo lugar levavam todos immigrantes. A data certa não a tenho bem na memoria, assim como tambem não me lembro se meu pai fez alguma declaração em prol ou contra a naturalisação.

Na dita Ilha estivemos muitos dias e de lá fomos para o lugar denominado Barreto, districto de Nictheroy, E. do Rio, para trabalhar na fabrica de phosphoros marca Vesuvio, si a memoria não me falha, a qual tinha como gerente um sr. Miguel Matheus Ferreira, sendo que este senhor é hoje dono de uma fabrica da mesma industria e situada no mesmo lugar.

Nessa fabrica trabalhamos: Jorge Romero, pai, Francisco Romero, Candido Romero, Joanna Romero e eu até o anno de 1894, sendo que em 1895 eu e os meus dois irmãos já trabalhavamos na fabrica de tecidos Companhia Manufactora Fluminense, situada no mesmo lugar á rua Dr. March... Trabalhei nessa fabrica até 1901...»

Continuando, após detalhes de menor interesse aqui, escreve ainda Romero: ... em 1901 sahi da da Companhia Manufactora Fluminense e depois de algum tempo de desemprego mudei me para as Laranjeiras, juntamente com o meu irmão Candido, o qual morava em companhia de Joaquim Herrera, tecelão tambem; depois de alguma espera entrei na fabrica Alliança para aprender a trabalhar nos teares. Primeiro morei á rua Carneiro Leão e depois no Morro do Mundo Novo...»

Passa-se o anno de 1901. Entra o de 1902. Prosegue Romero: «A meados do anno de 1902, sahi da fabrica de tecidos Alliança e empreguei me na fabrica de venezianas e transparentes sita á rua do Lavradio n. 126, antigo, de Fruitos & Charles, onde trabalhei até o anno de 1905, sendo que esta fabrica existe ainda hoje, na mesma rua n. 127...»

Aqui um detalhe interessante, que bem mostra o amor ao trabalho como uma das qualidades predominantes em Romero: «...Pouco antes de sahir desta fabrica de venezianas, eu ia, á noite, depois do trabaho, aprender de typographo na casa do sr. Adelino Ribeiro, que morava á rua General Camara, perto do largo do Cupim... Depois, quando sahi da fabrica acima citada, fui trabalhar, como typographo, numa typographia que estava á rua Tobias Barreto, perto da rua Larga, hoje Floriano Peixoto, e na qual se fazia um jornal sportivo, creio que «O Brazil Sportivo», mas depois de algum tempo esta typographia fechou e como nesse tempo havia muito trabalho de construcção e como eu tinha alguns amigos pintores de officio, o que era uma facilidade para obter trabalho, resolvi dedicar-me á pintura do liso; então fui trabalhar nas pinturas que se faziam numas casas do Mosteiro de S. Bento, sitas á rua do mesmo nome e de cujo trabalho era encarregado um Sr. Alfredo Ovide, e depois em outras partes, entre ellas no quartel dos Barbonos, onde estive bastante tempo, no edificio que é hoje o Supremo Tribunal Federal... Estive trabalhando de pintor até o mez de outubro de 1909, data em que fui para S. Paulo indo trabalhar, immediatamente, na typographia do jornal A LANTERNA, de propriedade de Edgard Leuenroth cuja typographia e redacção estavam installadas no predio n. 5 do Largo da Sé, tendo trabalhado alternativamente de cobrador-viajante e na administração do dito jornal, onde trabalhei até o dia 13 de julho de 1916, data em que tornei para o Rio de Janeiro, a tomar conta da gerencia da casa de verduras e cereaes installada pela Cooperativa Agricola de Producção, de Guararema, E. de S. Paulo, á rua X n. 79, no Mercado Municipal do Rio de Janeiro, onde trabalhava quando fui detido para soffrer as injustiças de que sou victima».

Toda uma vida de trabalho, desde creança,—foi essa a vida de Romero, durante perto de 30 annos de residencia permanente no Brazil. Internacionalista convicto, elle considerava-se de facto tão bom brazileiro como os que mais o sejam. São palavras suas, na carta alludida: «Durante toda a minha estadia no Brazil, que foi até o dia 6 de Outubro de 1919, nunca sahi desse paiz para parte alguma e, em todos os actos publicos da minha vida sempre fiz questão em declarar-me brazileiro, por considerar que de facto tinha direito a essa qualidade, ainda que, por um facto circumstancial, tenha nascido em outra parte».

E que dizer do nosso Romero, militante libertario? Elle era a dedicação personifica·

E que dizer do nosso Romero, militante libertario? Elle era a dedicação personificada. Ponderado, consciencioso, energico, com um largo traquejo das lutas proletarias—elle não media esforços nem sacrificios pela causa da classe a que pertencia e de que se orgulhava. Acima de tudo no mundo collocava José Romero o seu ideal de homem honrado e generoso. Pelo ideal da libertação do proletariado, lutou e batalhou sem tréguas soffreu fome e perseguição, e por amor ao seu ideal, que é o nosso ideal, foi elle expulso do Brazil e arremessado, em Hespanha, para as grades de um carcere.

Ora, todos nós, militantes libertarios do Brazil, seus companheiros e amigos de sempre; e todos nós, trabalhadores conscientes do Brazil, que tivemos em Romero um dos melhores apostolos e soldados da nossa causa—nós todos temos o dever imperioso de não poupar esforços por vel-o de novo entre nós, em nosso meio, em nossas fileiras.

E' preciso que José Romero regresse ao Brazil! José Romero deve regressar ao Brazil!

Sua deportação, alem de iniqua, injusta e infame, foi um acto caracterizadamente illegal e arbitrario.

Sua deportação foi uma evidentissima vingança de classe. Vingança da classe burgueza e capitalista contra o paladino da classe operaria. Vingança que attinge e offende a toda a classe operaria.

A' classe operaria cabe, pois, agir, com a maior energia, com todos os meios adequados a seu alcance, para que semelhante vingança seja devidamente desafrontada.

Trabalhadores do Brazil!

Façamos ver á burguezia dominante no Brazil que queremos a volta de Romero! Exijamos a volta de Romero!

Que uma agitação se levante em todo paiz, como um clamor de todo o proletariado, reclamando a volta do nosso companheiro José Romero!

Pela volta de Romero!

Viva a solidariedade dos trabalhadores

Rio, 23 de agosto de 1920.

A acção dos traidores

Para conhecimento dos nossos camaradas e de todo proletariado do Brazil, transcrevemos do «Jornal do Commercio», de 7 deste mez, da secção NA POLICIA E NAS RUAS a interessantissima e curiosa noticia seguinte:

Parece que as cousas lá p'ra bandas da Federação ou da d'"A Hora Social" não vão muito bem. Falla-se que uma scisão ou cousa parecida se não verificou ainda' verificar-se-á por estes dias.

Que algo de anormal ali occorre dil-o um dos mais famosos agitadores do actual movimento operario pernambucano. E' o sr. Luiz de Araujo, o delegado dos Metallurgicos, junto á Federação Operaria' não a Federação do agitador Canellas mas a dos srs. Alcides Rosas, Correia da Silva, Amaro Araujo e Luiz Araujo.

Hontem o sr. Luiz Araujo subiu as escadas da Chefatura e correu ao gabinete do sr. chefe de Policia.

—Prompto, sr. dr. Chefe de Policia

Venho pedir-lhe uma providencia...

O chefe da Segurança Publica fez-se ouvidos e o sr. Luiz Araujo declarou.

Consta-me que estou em via de ser aggredido. Ha n'A Hora Social" um serio incidente provocado entre o meu modo de pensar e o de outros cameradas: Quero a orientação d'"A Hora Social" de maneira differente á que lhe pretendem dar. Bato-me por principios, por idéas e não atacando, aggredindo, como outros meus camaradas.

E o queixoso, que pediu garantias de vida citou os nomes e os signaes caracteristicos de seus suppostos aggressores. Alberto Gomes da Silva, Carlos Zoroastro de Silva, Manoel Porciuncula e outros.

O sr. chefe de Policia tomou em consideração a queixa e prometteu providenciar.

Com os nossos protestos contra a denuncia dos camaradas metallurgistas que figura na nota acima, declaramos que aqui não houve nunca scisões, nem tão haverá, continuando, mais agora de que antes, definida e clara, a nossa orientação de chicoteadores dos tartufos e dos ex-homens.

O conto de vigario do Recenseamento

O paiz gasta cerca de sessenta mil contos com um serviço desorganisado e cahotico

Agentes recenseadores analphabetos e desabusados

Não se póde crêr que não haja um só dos orgãos da imprensa recifense que, para demonstrar «patriotismo», nada diga a respeito da bambochata ridicula do recenseamento realisado em 1 deste mez.

Em varios domicilios do perimetro urbano, por isto mez mais facil para o trabalho de entrega de boletins censitarios, somente após o dia 31, improrogavel pelo decreto que mandou proceder-se ao censo, é que surgiram as listas e ainda não foram recolhidas.

Como se póde comprehender que, exigindo o boletim informações referentes ao dia 31 de agosto, taes informações sejam ministradas alguns dias depois?

Quando mostramos como estes serviços são o amparo do filhotismo vergonhoso que arruina a nação, porque são verdadeiros contos de vigario bem passados ao povo, meios para enriquecer as meia-duzias de afilhados dos governos rapinantes, grita-se que somos iconoclastas, mettem-nos nos quartos escuros das cadeias e deportam-nos brutalmente, nos fundos dos porões de 3.a classe, para terras que não são nossas.

Infelizmente o povo, que comprehende todas estas cousas, que sabe que o recenseamento é apenas um meio para justificar o fim unico da distribuição dos dinheiros que se lhes rouba pelos impostos, o povo fica estarrecido, só, diante do assalto, diante da facilidade com que á sua vista agem impunes os seus salteadores, sem a coragem moral de um protesto, ao menos.

Este recenseamento, como tudo quanto os governos realisam, são simplesmente meios de que lançam mão para cohonestar o gasto perdulario da riqueza publica, das rendas fabulosas dos impostos.

Só o actual governo, ou desgoverno, da republica, é que sentiu appetites para realisar o recenseamento. Porque?

E como justifical-o, com os outros gastos extraordinarios, num paiz que se encontra arrebentado, ás portas da bancarrota?

Pois, elles é que são os patriotas, os verdadeiros brasileiros,—os que inventam o recenseamento e a visita dos reis da Belgica para justificar o rombo do thesouro e passar papa nos beiços cahidos do povo paspalhão.

Acção expropriadora na Italía

Reboando, como grandes trovões prenunciadores da proxima tempestade social inevitavel, gratas noticias enchem o coração tristissimo do mundo proletario. Parece ouvir-se no ar, ecoando profundamente, o estrepito do desmoronamento das columnas que sustinham o velho edificio carcomido do universo capitalista.

Observe-se e preste-se ouvidos.

Greve expropriadora na Italia

Como as chammas mordentes de um incendio collosal, violentas, rebenta em cada officina metallurgica da Italia, nas cidadellas do proletariado revolucionario, em Milão, Genova, Turim e Napoles, alastrando-se, uma grande greve geral expropriadora dos privilegios, que são os mesmos em todos os paizes, do capitalismo italiano.

Arde a fogueira illuminando o mundo proletario. Precisa-se o facto da expropriação, da tomada das fabricas, das usinas, das officinas, das machinas, dos instrumentos de trabalho, para fazel-os propriedade collectiva, bem da soceedade, como effectivação dos principios maximos das doutrinas anarchistas, da justiça social entre os homens.

Os gigantes da greve revolucionaria, que dão o primeiro passo para a conquista dos seus ideaes — que são os nossos — gigantes que são os plebeus das fabricas, os pygmeus da sociedade de hoje, atterram o capitalismo das outras terras, expulsando os capitalistas das suas terras

O proletariado da Italia, cuja primeira etapa na batalha social dá a entender que a transformação naquelle paiz terá um cunho real, uma profundeza sensacional, mostra aos outros proletariados que a licção da Russia foi bem assimilada, isto é, que é preciso agir para não deixar pedra sobre pedra, para que aos governos burgo-capitalistas nenhum outro se ensaie e consolide—por mais acentuadamente socialista que elle seja.

Os camaradas da Italia não descriam apenas do governo caricato do rei, aspirando, assim, a um governo democratico, do estofo do que ahi está, ou a um socialista, com a roupagem do que se infiltra na Russia, ameaçando perverter a grande obra heroica da Revolução de Novembro de 17.

Nenhum governo, seja de que qualidade for, porque sendo, governo, necessita de um dominador, de um executor, seja o que fôr, e significa um privilegio que decorrerá do facto da eleição.

A vida social, as necessidades collectivas devem ser reguladas pela mesma collectidade, pelos seus orgãos protissionaes e não, nunca, por meio de parlamentos—tenha ou não tal designação—ou por intermedio de corpos governativos.

E' assim como a greve expropriadora ora a se alastrar pela Italia toda, abrasando-a, compellindo-a a se transformar, parece interpretar a sua finalidade:

—Nem senhores nem governos!

A paz e a concordia na terra do sr. José Bezerra

Trabalhadores foragidos e assassinio na cadeia do Cabo

Não é para se admirar que num feudo se commettam as mais repugnantes scenas de barbaridades e selvageria.

Sempre os feudos foram o logar das oppressões e das miserias. De modo que as noticias que nos communicam do Cabo—perseguição a varios trabalhadores portuguezes, ha pouco immigrados e o assassinio, por espancamento,—como publicou ante-hontem um vespertino desta capital—em plena cadeia do Cabo, á ordem do delegado de policia local—são perfeitamente logicas e naturaes.

Não póde haver outra *paz*, para os trabalhadores, sob o actual regimen capitalista, senão a *guerra* de morte que os ladrões do mesmo regimen lhes votam; como, igualmente, para um desgraçado recluso a uma infecta cadeia promiscua, nenhuma *concordia* será mais legitima de que o *espancamento* até á morte.

Não serão elles as ultimas victimas da tal Paz e Concordia. Outras muitas se lhes seguirão, até o[illegible] um dia o povo comprehenda que [illegible] só póde viver em perfeita paz e [illegible] concordia quando não houver mais [illegible] senhores de terras e governantes po[illegible]derosos.

Proletarios:

Ha trinta annos que sob a democracía capitalísta, periodicamente levaes ás urnas os vossos votos elegendo presidentes, governadores, deputados, senadores, prefeitos, conselheiros munícipaes, e todos os fantoches parasitaríos, que, de pos e do cargo, se tornam os rícos, os unicos felízes.

Que esperaveis ao depositar nas urnas a papeleta que vos ímpíngíram, índicando o nome de A ou de B para qualquer daquelles cargos?

Por certo que vos tirassem da miseravel sítuação de degredados. E, depois destes trínta annos de republica, de soberania do voto livre, acaso não vistes ainda que continuaes cada vez mais desgraçados, famíntos cada vez mais?

Pois bem: já que votar não vem ao vosso caso, não mínora as vossas condições de vida, que devereis fazer?

---Rasgar e incinerar os vossos títulos e todos os papeís referentes á pantomima eleítoral!